

REFERÊNCIAS:

- 1 – O Evangelho Segundo o Espiritismo
- 2 – O Livro dos Espíritos
- 3 – Trecho da palestra “As 5 fases do luto”, de Jorge Elarrat, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UNUTWxz8IPU>
- 4 – Alberto Almeida: O amor pede passagem – Amor e Luto, Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HUpस्क7SXH8>
- 6 – O luto na visão espírita, Juliana Procópio. Disponível em: <https://www.institutochicoxavier.com/index.php/informativo/artigo/681-o-luto-na-vis%C3%A3o-esp%C3%ADrita.html>

- 7 – Luto e Fé. Flávio Sterzi. Disponível em: <https://aefc.org.br/o-luto-segundo-o-espiritismo/#:~:text=Luto%20e%20f%C3%A9,um%20momento%20de%20tempor%C3%A1ria%20perturba%C3%A7%C3%A3o.>
- 8 – Livro, Fonte de Paz. Emmanuel, psicografia de Chico Xavier.
- 9 – O Espiritismo auxilia na superação das perdas. Alberto Almeida. Jornal Espírita Libertador. Disponível em: https://amemmaringa.com.br/wp-content/uploads/2019/04/LIBERTADOR_jan_mar_19_final.pdf

Testemunhos de amor



UMA FESTA NA ESPIRTUALIDADE

11 de abril de 1950.

Os Espíritos do Além reúnem-se para homenagear os cinquenta anos do desencarne do Dr. Bezerra de Menezes!

O Chico Xavier, embora nada nos dissesse, por modéstia, soubemos, foi um dos convidados.

E assistiu, emocionado, à homenagem gratulatória de uma grande assembleia de desencarnados ao caridoso Apóstolo, fazendo coro com outra assembleia de encarnados que, na Terra, realizava idêntica homenagem.

Bezerra de Menezes achava-se naquele ambiente de luz e emoção, sinceridade e gratidão, acanhado e vivendo uma grande comoção, tanto mais quanto seus Irmãos recordavam-lhe seus 69 anos vividos na Terra e lhe realçavam os exemplos dignificantes que dera como espírita, como Médico dos Pobres, como Irmão de todos os sofredores, como Discípulo humilde e sincero de Jesus.

De repente, sob a surpresa dos que compunham a grande assembleia, de mais Alto, uma Estrela luminescente dá presença.

É Celina, a Enviada da Virgem Santíssima, que chega e lê a Mensagem da Rainha dos Anjos promovendo Bezerra de

Menezes, seu querido Servidor, a uma Tarefa Maior e numa Esfera mais Alta.

O Evangelizador Espírita chora emocionadíssimo.

Depois, ajoelha-se e, agradecendo, entre lágrimas, à Mãe das Mães a graça recebida, suplica-lhe, por intermédio de Sua Enviada Sublime, para ficar no seu humilde Posto, junto à Terra, a fim de continuar atendendo aos pedidos de seus irmãos terrestres, que tantas provas lhe dão, continuamente, de estima e gratidão.

O Espírito luminoso de Celina nada pode resolver e sobe Às Esferas Elevadas donde veio e se dirige aos pés da Mãe Celestial e submete à Sua Apreciação o Pedido de Seu Servo agradecido.

Daí a instante, volta e traz a resposta de Nossa Senhora:

– Que sim, que Bezerra ficasse no seu Posto o tempo que quisesse e sempre sob Suas Bênçãos!

E da Terra e do Além partem vozes em Prece!

E das Esferas longínquas vêm as Bênçãos de Luz do Coração da Flor de Jericó, vestindo tudo e todos de Emoção e Ternura, de Alegria e Luz!

6

página teen



NOSSA TAREFA, NOSSA ILUMINAÇÃO

Seja qual for a tarefa que abraçamos na jornada terrena, é preciso executá-la com planejamento e perseverança.

O Mestre Jesus bem exemplificou. Ser perfeito, ao iniciar Seu missionado, que se estendeu por quase três anos, não o fez intempestivamente.

Demonstrou planejamento prévio, atenção a detalhes, formação dos que deveriam prosseguir na divulgação das verdades que Ele viera trazer ao mundo.

Inicialmente, cercou-se de doze continuadores e a eles transmitiu, pacientemente, os conhecimentos necessários para a execução da tarefa.

Detinha-se nas noites de estrelas, a lhes falar de forma particular e orientativa para os dias que deveriam enfrentar.

Adicionalmente, de forma sequente e paulatina, atraíu outros corações para a Sua Causa.

Convocou a Zaqueu em seu lar. Igualmente a Maria de Magdala, Joana de Cusa e a mulher samaritana, em todos identificando a sede pela água viva que Ele oferecia.

No período em que com eles conviveu, foi-lhes Modelo e Guia solícito.

Ensinando e exemplificando o Evangelho que veio implantar na Terra, moldou-lhes o caráter e os preparou para os grandes embates que viriam.

Não lhes acenou com honrarias nem com facilidades. Ao contrário, disse-lhes das tantas dores que os alcançariam e das exigências da tarefa, inclusive da própria vida.

Falando ao povo, em geral, sábio por excelência, utilizou-se de linguagem simples e acessível, para ser compreendido por todos.

Esse Modelo e Guia nos leva a indagarmos:

Como nós podemos contribuir com Deus? O que devemos fazer para sermos agentes do Seu amor?

Vivemos outros tempos, diferentes daquele em que Ele esteve conosco. Outras realidades nos cercam.

Vale lembrar que nossa contribuição está na razão direta de

nossa luz espiritual, que engloba nossas conquistas nos campos moral e intelectual.

Dessa maneira, nossa ação inicia no âmbito familiar, dos mais próximos aos mais distantes, estendendo-se ao círculo de amigos.

Também daqueles que mourejam ao nosso lado nas atividades que garantem o nosso sustento material.

E nos círculos da fé que professamos.

Isso nos afirma que toda tarefa no bem é de origem divina e sempre podemos ser úteis ao próximo como instrumento da Providência.

Basta que tenhamos boa vontade para desejar algo realizar e fazê-lo, no limite das nossas forças, dentro das condições que nos sejam ofertadas.

Valorizar as oportunidades que se apresentem, sem inquietação e pessimismo, colocando-nos sob a guarda do Pai que tudo sabe, nos garantirá sermos instrumentos do bem, da paz, da fraternidade.

Para melhor empreendemos esse compromisso, a iluminação da mente, a elevação dos sentimentos, com esforço, paciência e perseverança, é condição mínima que nos é exigida. Naturalmente, não nos tomaremos seres angélicos, de rompante. Mas estaremos no rumo da ascensão, galgando degraus para o Alto, a pouco e pouco.

O mais gratificante é sabermos que, na tarefa de iluminar os caminhos, os primeiros a se beneficiarem seremos nós.

Quem está mais próximo do foco de luz, antes de qualquer outro, se ilumina.

Redação do Momento Espírita, com base no cap. 96, do livro Vinha de luz, pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB. Em 24/5/2025



EXPEDIENTE

ORGÃO BIMESTRAL DE DIVULGAÇÃO E EDUCAÇÃO ESPÍRITA DA
“ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA DE ESTUDOS EVANGÉLICOS FRANCISCO DE PAULA VICTOR”

Instituição de Utilidade Pública - Lei Municipal nº 1098 de 07/03/69 | CNPJ 51.486.801/0001-40
Rua Armindo Tank, 80 | Vila Anita | CEP 13484-299 | Limeira | SP | Tel.: (19) 3452.7750
www.paulavictor.org.br | e-mail: paulavictor@paulavictor.org.br

LIMEIRA ESPIRITA

Nº 248 | MAIO/JUNHO | 2025 | ORGÃO DE PUBLICAÇÃO BIMESTRAL



UM SÓ REBANHO, UM SÓ PASTOR

Antes de sua famosa entrada em Jerusalém, por ocasião das comemorações da Páscoa judaica, Jesus, de acordo com o Evangelho atribuído a João, teria dito aos seus discípulos (cap. 10, v.16): “*Tenho também outras ovelhas, que não são deste rebanho: também essas eu devo reunir; e elas hão de ouvir a minha voz; então haverá um só rebanho e um só pastor*”.

Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo, interpretando essas palavras do Cristo, abordou o tema da aproximação e união de povos e religiões, conforme se lê em A Gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo, no capítulo XVII, itens 31 e 32.

No estudo desse capítulo, aprendemos com o mestre lionês que a dificuldade na unificação das religiões repousa, entre outros fatores, nos seguintes aspectos:

a) as diferenças de enfoque doutrinário existentes entre as religiões;

b) o antagonismo que elas (as religiões) mantêm entre os seus adeptos respectivos;

c) a obstinação que as diferentes doutrinas defendem em se crerem na posse exclusiva da verdade.

De acordo com Kardec, “todas querem muito a unidade, mas todas se iludem de que ela se fará em seu proveito, e nenhuma entende fazer concessão em suas crenças”.

Qual seria, por conseguinte, a metodologia ideal para que tão radical transformação se processasse no seio das religiões, com vistas a essa importante unidade? Recordemos que a própria palavra Religião deriva do latim

**LUTO: COMO
RESSIGNIFICAR
A DOR?**

Pág. 4

**UMA FESTA NA
ESPIRTUALIDADE**

Pág. 5

**NOSSA TAREFA,
NOSSA ILUMINAÇÃO**

Pág. 6

Religare, que nos leva à compreensão de que o objetivo do pensamento religioso é o de unir, ligar as criaturas, e não separá-las em grupos antagônicos entre si.

Estudando a problemática com a lucidez que lhe era peculiar, visando propor a metodologia ideal, Allan Kardec propõe que, para chegarem à unidade, as religiões deverão se reencontrar sobre um terreno neutro, comum a todas; por isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios mais ou menos grandes. Mas, a iniciativa dessas concessões tenderá a vir não do campo oficial, não de cima, mas de baixo, pelas iniciativas individuais daqueles que perceberão que a imutabilidade dos princípios professados pelas diferentes doutrinas se tornará um elemento negativo, uma vez que a sociedade caminha para frente. Em outras palavras, aqueles que querem ir adiante se separam daqueles que se obstinam em permanecerem para trás.

Neste sentido, o pensamento religioso que deverá unir um dia todas as criaturas, sob uma mesma bandeira, tenderá a ser aquele que reúna, pelo menos, as seguintes características, conforme levantadas pelo Codificador:

a) satisfazer a razão e as legítimas aspirações do

coração e do espírito;

b) jamais ser desmentido, em nenhum ponto, pela Ciência positiva;

c) seguir a humanidade em sua marcha progressiva, sem jamais se deixar ultrapassar;

d) não ser nem exclusivo nem intolerante;

e) ser emancipador da inteligência, admitindo somente a fé racionada;

f) cujo código de moral seja o mais puro, o mais racional, o mais em harmonia com as necessidades sociais;

Será, enfim, aquele sistema religioso que consiga fundar sobre a Terra o reino genuíno do bem, **pela prática da caridade e da fraternidade universais**.

Vê-se, por essas considerações, que há um imenso desafio a superar, sobretudo para derrubar as barreiras do dogma, da intolerância e da acomodação humanas.

Confiemos, porém, trabalhando, estudando e praticando a caridade, como a entendia Jesus e como nos explicaram os Espíritos Superiores, na questão n° 886 de O Livro dos Espíritos, plenamente conscientes de que será o Evangelho de Jesus que unificará a humanidade.



NO RECINTO DOMÉSTICO

Bondade no campo doméstico é a caridade começando de casa.

Nunca fale aos gritos, abusando da intimidade com os entes queridos.

Utilize os pertences caseiros sem barulho, poupando o lar a desequilíbrio e perturbação.

Aprenda a servir-se, tanto quanto possível, de modo a não agravar as preocupações da família.

Colabore na solução do problema que surja, sem alterar-se na queixa.

A sós ou em grupo, tome a sua refeição sem alarme.

Converse edificando a harmonia. É sempre possível achar a porta do entendimento mútuo, quando nos dispomos a ceder, de nós mesmos, em pequeninas demonstrações de renúncia a pontos de vista.

Quantas vezes um problema aparentemente insolúvel

pede tão somente uma palavra calmante para ser resolvido?

Abstenha-se de comentar assuntos escandalosos ou inconvenientes.

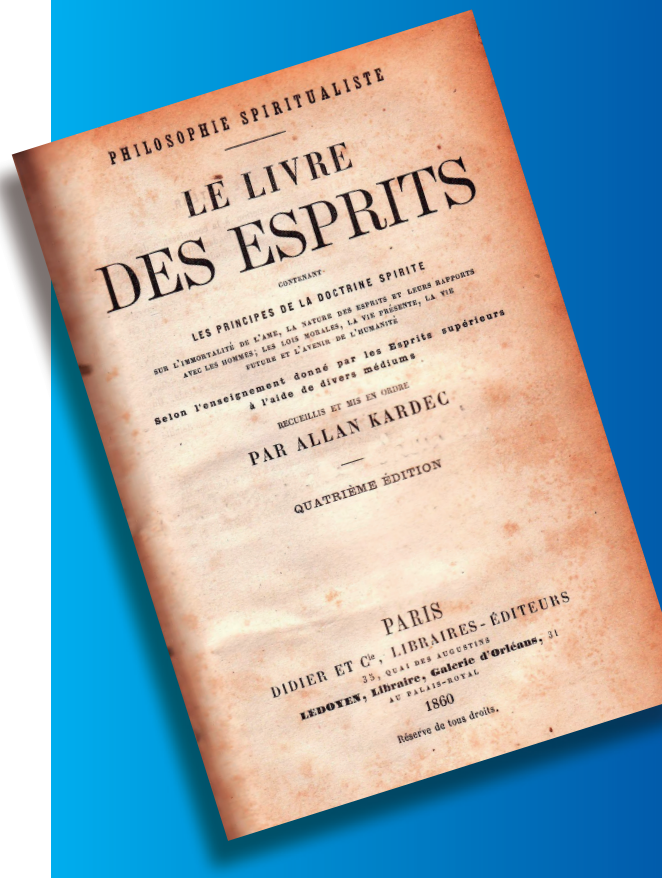
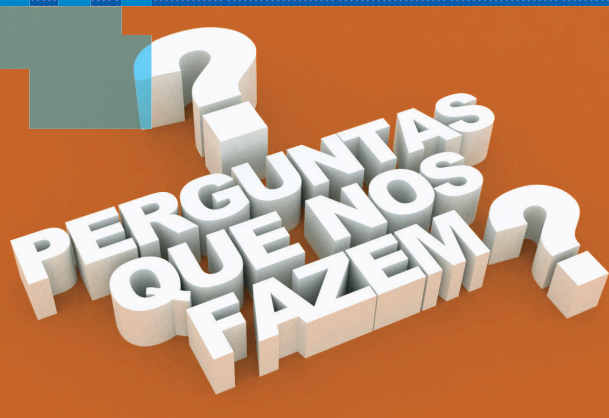
Em matéria de doenças, fale o estritamente necessário.

Procure algum detalhe caseiro para louvar o trabalho e o carinho daqueles que lhe compartilham a existência.

Não se aproveite da conversação para entretecer apontamentos de crítica ou censura, seja a quem seja.

Se você tem pressa de sair, atenda ao seu regime de urgência com serenidade e respeito, sem estragar a tranquilidade dos outros.

**Livro: Sinal Verde - Pelo espírito André Luiz,
por Francisco Cândido Xavier**



LIVRO SEGUNDO - MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

CAP. 7 - RETORNO À VIDA CORPORAL

I – PRELÚDIO DO RETORNO

330. Os Espíritos conhecem a época em que terão de se reencarnar?

— Eles a pressentem, como o cego sente o fogo de que se aproxima. Sabem que devem retomar um corpo, como sabeis que deveis morrer um dia, mas ignoram quando isso acontecerá. (Ver item 166)

330 a) A reencarnação é, portanto, uma necessidade da vida espírita, como a morte é uma necessidade da vida corpórea?

— Seguramente, assim é.

331. Todos os Espíritos se preocupam com a sua reencarnação?

— Há os que absolutamente não pensam nela, que nem mesmo a compreendem; isso depende de sua natureza mais ou menos avançada. Para alguns, a incerteza quanto ao futuro é uma punição.

332. O Espírito pode abreviar ou retardar o momento da reencarnação?

— Pode abreviá-lo, solicitando-o por suas preces, e pode também retardá-lo, se recuar ante a prova. Porque entre os Espíritos há também indiferentes e poltrões; mas não o faz impunemente, pois sofre com isso, como aquele que recusa o remédio que o pode curar.

333. Se um Espírito se sentisse bastante feliz numa condição mediana entre os Espíritos errantes, e não tivesse a ambição de se elevar, poderia prolongar indefinidamente esse estado?

— Não indefinidamente; cedo ou tarde, o Espírito sente a necessidade de avançar; todos devem elevar-se, pois esse é o destino de todos.

334. A união da alma com este ou aquele corpo está predestinada, ou no último momento é que se faz a escolha?

— O Espírito é sempre designado com antecedência. Escolhendo a prova que deseja sofrer, o Espírito pede para se encarnar; ora, Deus, que tudo sabe e tudo vê, sabe e vê com antecedência que tal alma se unirá a tal corpo.

335. O Espírito tem o direito de escolher o corpo ou somente o gênero de vida que lhe deve servir de prova?

— Ele pode escolher também o corpo, porque as imperfeições do corpo são provas que o ajudam no seu adiantamento, se ele vencer os obstáculos encontrados; mas a escolha nem sempre depende dele, que pode pedi-la.

335 – a) Pode o Espírito, no último momento, recusar o corpo escolhido?

— Se o recusasse, sofreria muito mais do que aquele que não tivesse tentado nenhuma prova.



**LEIA KARDEC - OBRAS
DA CODIFICAÇÃO
DISPONÍVEL NA
BIBLIOTECA DA
ASSOCIAÇÃO**

É bom saber



LUTO: COMO RESSIGNIFICAR A DOR?

***A saudade é uma dor que fere nos dois mundos.”
Chico Xavier***

Quem neste mundo já não sofreu pelo desencarne de um ente querido? Poucos podem ter o privilégio de dizer que ainda não vivenciaram tal situação. A partir desta experiência ocorre o luto, mas afinal, o que é o luto?

O luto é a experiência de sofrimento, de lamentação, de queixa, que o ser humano experimenta quando tem alguma perda significativa. É um efeito psicológico que define um tempo que o indivíduo precisa para dissolver uma perda, neste caso, mais especificamente, o desencarne de um ente querido.

Sofrer pela perda de quem nos é especial é humanamente compreensível. Não há quem não tenha saudades de alguém que já partiu e muitas vezes a sensação é de um vazio sem fim. Também é normal que, como nos explica a psicologia, possamos passar pelas fases do luto, que resumidamente são: Negação, na qual o indivíduo nega o acontecido, evita entrar em contato com o seu sofrimento, os seus sentimentos e até mesmo a acreditar que o seu ente querido desencarnou. Raiva, que basicamente leva a pessoa a questionar com revolta a circunstância que a vida lhe projetou. Depois vem a fase da Barganha, em que, principalmente por uma aproximação de ordem religiosa, o indivíduo tenta algum tipo de negociação com Deus para que o seu sofrimento seja aliviado. A quarta fase seria a Depressão, na qual o sujeito se depara com a realidade e ao se enxergar de fato sem a presença da pessoa querida é tragado por um penoso estado de tristeza. Já no que seria a última fase, a Aceitação, a pessoa consegue então fazer uma reflexão mais asserenada da experiência vivida, lidando melhor, de forma mais equilibrada com o ocorrido. Importante ressaltar que estas fases duram diferentes períodos de tempo, variando de pessoa para pessoa, em diferentes situações e momentos da vida.

Porém, o que ocorre quando não conseguimos enfrentar de forma saudável o nosso luto? Como se sente nosso ente querido no plano espiritual vendo o sofrimento daqueles que ficaram na Terra?

A doutrina espírita nos esclarece que quando nos revoltamos e entramos em desespero, desequilibramos não só a nós, mas afetamos em muito aqueles que partiram através das vibrações negativas que são dirigidas a eles. Podemos perceber melhor como nossa tristeza e revolta podem afetar o desencarnado na questão 936 do Livro dos Espíritos, que ensina: “O Espírito é sensível à lembrança e às saudades dos que lhe eram caros na Terra; mas, uma dor incessante e desarrazoada o toca penosamente, porque, nessa dor excessiva, ele vê falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao adiantamento dos que o choram e talvez à sua reunião com estes”.

Todavia, o espírita tem, através do Evangelho, meios seguros para enfrentar a dolorosa situação do luto por perda de entes queridos. Ele pode sofrer, sentir saudades, mas certamente isto ocorrerá de forma sensata e equilibrada, desde que se norteie pelos ensinamentos consoladores do Evangelho, no qual podemos aprender que o Senhor dos Mundos nada faz sem uma finalidade inteligente, e tudo o que acontece tem a sua razão de ser.

Se pudermos bem observar, perceberemos que todas as dores que nos atingem têm uma razão divina, razão regeneradora. Assim, jamais digamos que, o desencarne de um ente querido é uma terrível desgraça, dizendo que uma vida tão cheia de esperanças foi cortada, porquanto de que esperanças desejamos falar? Das esperanças da Terra onde aquele que se foi poderia brilhar, fazer sua carreira e sua fortuna? Sempre essa visão estreita que não conseguimos elevar acima da matéria! Sabemos qual teria sido a sorte dessa vida tão cheia de esperanças, segundo entendemos? Quem nos diz que ela não poderia estar carregada de amarguras? Regozijemo-nos em vez de chorar, quando apraz a Deus retirar alguém que nos é querido deste vale de misérias. Não é egoísmo desejar que fique, para sofrer conosco?

Quando compreendemos o Espiritismo, passamos a entender que a alma vive melhor quando livre de seu invólucro corporal e que nossos bem-amados frequentemente estão perto nós; sim, eles estão bem perto; seus corpos fluidicos nos envolvem, nossos bons pensamentos os protegem, nossas boas lembranças os inebriam de contentamento; mas também as nossas dores sem razão os afligem, porque revelam uma falta de fé e constituem uma revolta contra a vontade de Deus.

Desta forma, façamos como ensina Emmanuel: ante os mortos queridos, faz silêncio e ora. Ninguém pode apagar a chama da saudade. Entretanto se choras, chora fazendo o bem. A morte para a vida é apenas mudança. A semente no solo mostra a ressurreição. Todos estamos vivos na presença de Deus.

Lembre-mo-nos sempre: Quando se ama não existe adeus, mas sim um até breve!